

COLÉGIO DE SANTO ANTÃO DE PORTUGAL, DO SÉCULO XVI: UM ESTUDO DA EDUCAÇÃO JESUÍTICA E DO ENSINO PÚBLICO

COLÉGIO DE SANTO ANTÃO IN PORTUGAL, XVI CENTURY: A STUDY OF JESUIT EDUCATION AND PUBLIC EDUCATION

Natália Cristina OLIVEIRA¹

Célio Juvenal COSTA²

Sezinando Luiz MENEZES³

RESUMO: Neste artigo, temos o objetivo de tratar, especificamente, sobre o Colégio de Santo Antão, de Lisboa. Apresentamos a sua implantação, os aspectos políticos e o seu desenvolvimento no território português no século XVI e primeira metade do seguinte. Embora o período estudado não contemple todo o desenvolvimento dessa instituição de ensino, fizemos a discussão até o início da sua reconstrução, quando passou a ser denominado como colégio de Santo Antão-o-Novo, a partir de 1593. Esta instituição de ensino foi o principal centro de ensino de ciências em Portugal, considerado uma instituição de excelência. Com todos os avanços da Europa, Portugal poderia ter ficado atrasado em relação aos outros territórios; porém, com a educação jesuítica e seus colégios, em especial ao de Santo Antão, o reino lusitano ficou relativamente equiparado aos avanços europeus, sendo comparado a famosos centros internacionais de ensino e formando alunos de forma geral e não apenas àqueles que desejavam seguir carreira eclesíastica.

PALAVRAS-CHAVE: Colégio de Santo Antão. Companhia de Jesus. Século XVI.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre o Colégio de Santo Antão é discutir a atuação da Companhia de Jesus, em Portugal, no século XVI. Este exercício vai além das observações acerca do trabalho realizado por aqueles padres de iniciar um movimento religioso que tinha como principal objetivo propagar a fé cristã católica, pois, contempla, também, a influência que tiveram nos âmbitos social, político, educacional e religioso do período.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em Educação na área de História e Historiografia da Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Integrante do grupo de pesquisa interinstitucional Educação, Cultura e História: Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII (DEHSCUBRA); do Laboratório de Estudos do Império Português (LEIP) e do Grupo de Pesquisa em Educação (GEPEDUC/ UENP - CCP). Possui Especialização em Políticas Públicas para a Educação e Especialização em Educação Especial e Inclusiva, ambos pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus Cornélio Procopio (UENP - CCP). Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia (2010), pela mesma Universidade. Tem experiência na área da Educação. Endereço eletrônico: natdeoliveir@gmail.com

² Doutor em Educação. Professor do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos do Império Português (LEIP). Endereço eletrônico: celio_costa@terra.com.br

³ Doutor em História. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos do Império Português (LEIP). Endereço eletrônico: sl.menezes@uol.com.br

Compreender tais influências é fundamental à história e historiografia da educação na Modernidade, em especial, a luso-brasileira.

Entender o Colégio de Santo Antão é, antes de mais nada, dar importância aos jesuítas e à evolução do conhecimento científico na sociedade portuguesa. O papel dos padres, nesse cenário, foi além da propagação da fé católica ou da instrução acadêmica, o foi, também, para o desenvolvimento da ciência em terras lusitanas.

Demonstrar que o Colégio de Santo Antão, localizado em Lisboa, no decorrer de sua história, especialmente no século XVI, tornou-se um destacado estabelecimento de pesquisa e ensino das ciências contribui com a compreensão do desenvolvimento e modernização científica tanto de Portugal como da própria Companhia de Jesus. Consideramos que o colégio tenha sido fundamental ao desenvolvimento da ciência moderna em Portugal, e, por essa razão, essa instituição vem a ser discutida neste artigo.

A COMPANHIA DE JESUS E O ENSINO PÚBLICO EM PORTUGAL

A Coroa lusitana, após a primeira década da Companhia de Jesus em Portugal, aumentava o incentivo ao ensino. Embora houvesse, por parte de alguns políticos, pelo grande investimento, a defesa da inutilidade dos estudos para todas as camadas sociais, muitos do reino ainda acreditavam no ensino, incentivando o processo de desenvolvimento nos colégios e universidades. (RODRIGUES, 1931a).

Com a criação de centros de ensino e oportunidades surgidas frente às instituições citadas, os pais começaram, de forma significativa, a tirar seus filhos dos ofícios cotidianos, passando a estimulá-los aos estudos. Havia críticas, naquele período, ao incentivo de instituições religiosas, pois isso indicava a formação de mais padres, dificultando a quantidade de moços que se casariam. Os que não se tornavam padres formavam-se colaboradores da Companhia e/ou faziam o curso de Direito, se casavam, e iniciavam a carreira de juristas ou procuradores.

As oscilações, ao longo do século XVI, tanto das funções atribuídas à universidade, como da figura do letrado, deverão ser analisadas tendo em conta o conjunto de leis, regimentos, ordenações e estatutos que pretendem organizar a vida acadêmica. Este conjunto de normas interfere directamente com a prática do quotidiano, em que os actos são vigiados e controlados tendo em vista a formação de hábitos. (MATTOSO, 1997, p. 119).

Visto isso, constatamos que, em 1551, Inácio de Loyola escreveu a Simão Rodrigues pedindo-lhe para criar o ensino público em várias cidades de Portugal, a começar por Lisboa, Coimbra e Évora. O fundador e tido como pai da Companhia

declarou que reconhecia o aumento das atividades da ordem e os reflexos positivos que haviam produzido na sociedade em sua primeira província⁴.

Loyola pensava para a sociedade uma educação, literária e moral da juventude, visando à utilidade de divulgação social que ele traria tanto para a ordem quanto para a Igreja Católica. Sempre considerando que “o fim de tais colégios era, como o de tôdas as obras da Companhia de Jesus, <<o maior serviço de Deus e o proveito dos próximos>>”. (RODRIGUES, 1931a, p. 286).

Em Portugal os jesuítas ofereceram o ensino público, como foi o caso do Colégio de Santo Antão. Para deixar claro e não possibilitar confusões com o sentido que tal termo tem nos dias atuais, na época ele se caracterizava como sendo uma educação institucional aberta para todos os que se interessavam e podiam frequentar, e não apenas para os que desejassem se tornar clérigos. Não se tratava de ensino gratuito, pois as anuidades teriam que ser arcadas por alguém e, mesmo os colégios reais, não eram custeados inteiramente pelos recursos da Coroa.

O ensino público, portanto, ofertava a possibilidade da instrução sem objetivar ao sacerdócio; aumentava, em larga escala, a possibilidade de se melhorar a vida e ter mais domínio nas oportunidades sociais. Talvez nem a própria Companhia imaginara tamanha influência nos domínios portugueses, nem no ultramarino. (CARVALHO, 2001).

Com um dos objetivos, o de impedir a sociedade de cair nos domínios dos pecados e heresias, mas sim trabalhar para a conversão, a Companhia de Jesus fazia votos e investia para que se pudesse ver sentada nos bancos dos colégios a maior quantidade de crianças e jovens possível. O domínio pedagógico tornou-se ainda maior com a implantação desse ensino público.

Segundo Carvalho (2001, p.330), havia uma organização para que aquele propósito fosse realizado, não se encontrando, naquele momento, diferenças entre membros da Companhia e mestres universitários, já que eram “[...] unidos para o mesmo fim, que era o da defesa activa da Igreja Católica por via do ensino, alicerçados na tradição e coesos nos intuítos, toda a vida pedagógica nacional ia decorrer tranquila durante quase dois séculos”.

No início de 1553 foram abertas, em Portugal, as primeiras escolas com acesso ao público, e não tão somente aos que queriam tornar-se integrantes da Companhia de Jesus. Por meio do Colégio de Santo Antão, Lisboa foi escolhida para inaugurá-las.

De início, pelas circunstâncias, as normas prescritas por Inácio para implantar o colégio lisboense não puderam ser todas atendidas. Então, não se conseguiu edificar

⁴ A Companhia de Jesus se organizou, assim como outras ordens religiosas, em províncias, ou seja, uma divisão interna para facilitar a sua organicidade. A primeira provincial foi a de Portugal, criada em 1546, e que teve em Simão Rodrigues, ou Mestre Simão, como era chamado, o seu primeiro Superior Provincial. A Província do Brasil foi criada em 1553.

o colégio em local separado, assim, foi instalado na mesma casa de Santo Antão⁵, em Lisboa, o primeiro centro de ensino público.

Durante dez anos a casa de Santo Antão tinha função, apenas, de residência, ou seja, oferecia abrigo aos padres e era sempre governada por um superior. Apenas em 1553 foi que a casa tomou forma de colégio. As primeiras aulas eram de grego, retórica, matemática e casos de consciência (princípios da moral cristã e que costumava ser debatido com método teológico).

Desde o início foram grandes o crescimento da obra jesuítica e o êxito que ela tinha na sociedade portuguesa. Entretanto, o que mais despertava a admiração dos cidadãos lisboenses, a se crer nos relatos dos próprios jesuítas, era a transformação rápida e intensa na juventude, que demonstrava estar mais piedosa e cheia de bons costumes. (RODRIGUES, 1931a).

Para realizar os investimentos em escolas públicas, Inácio enviou a Portugal, no mesmo ano de 1553, um jesuíta vindo de Maiorca, Jerónimo de Nadal, sua atividade seria muito útil para iniciar trabalhos como uma espécie de pedagogo em terras lusitanas.

O sucesso das escolas jesuítas era considerável e fascinava muitos, tanto que fazia com que a Coroa, juntamente com a Companhia, se esforçasse a construir novas escolas abertas ao público em geral. Esses colégios destacavam-se por apoiar alunos internos e externos, tanto das classes mais como as menos favorecidas.

O número de estudantes do Colégio de Santo Antão crescia rapidamente e, conseqüentemente, dobrava-se o número de aulas. Com tal crescimento, no final do século XVI, foi necessário um novo edifício para acomodar os numerosos estudantes que frequentavam o espaço. Decidiu-se pela construção da nova escola por meio de ajuda da cidade, assunto este de que trataremos mais adiante.

Segundo Mattoso (1997), o colégio vangloriava-se por formar tanto padres para a Companhia como capitães, desembargadores ou servos destinados a outras religiões já que se tratava de uma instituição aberta ao público externo. O colégio de Santo Antão, por dois séculos, foi o mais importante de todo o território luso.

Segundo Rodrigues (1931a), no que dizia respeito aos princípios e à metodologia das instituições jesuíticas, almejava-se que os estudantes, por meio dos ensinamentos dos mestres, aprendessem latim e, se estivessem reunidos em grupo grande, que compreendessem até mesmo a leitura teológica nos modos parisienses. No en-

⁵ A história de Santo Antão, personalidade da religião Católica que nomeia o Colégio, conta que ele nasceu em 251, numa aldeiazinha de Coma, chamada Quemana El Aroune, na província de Benisouf, no alto Egito. Filho de copitas, sua família possuía terra às margens do Nilo, na província de Fayum. Ao perder pai e mãe aos 20 anos de idade, encontra-se sozinho e pobre. Devoto cristão, Antão via as coisas materiais mundanas como demônios, para ele o demônio era o príncipe deste mundo. Após uma vida de solidão, tortura, trabalho escravo, penúria e amor a Deus, Antão morreu a 17 de janeiro de 356. Devido a seus votos, é conhecido como Santo Antão, o santo da renúncia, aquele que via a pobreza como símbolo de pureza, bondade e aspiração para Deus. (MILLER, 1956).

tanto, na falta dessas habilidades, contentar-se-iam com o ensino das artes e letras humanas.

A Companhia aperfeiçoava seus mestres, que aprenderiam muito ensinando, pois dessa forma seriam mais resolutos e senhores do que sabiam; formavam seus próprios estudantes nessas escolas com o cuidado e exemplo próprios. Os instruíam nos ministérios sagrados, que se exercitavam no colégio, para que depois, em maior extensão e com mais perícia, soubessem ocupar-se nas lides do apostolado.

Enfatizamos o fato de a casa de Santo Antão ter dado aos jesuítas uma formação consistente. Tal instrução os apoiou a ir às missões, como, por exemplo, para o Oriente. Padre Xavier, já no Japão, afirmava em suas cartas ser fundamental que os membros da Companhia que fossem compor as missões na China estivessem preparados e que, a partir de lá, frequentassem a Universidade de Ghengico a fim de atingir melhor instrução para colaborar nas missões para a conversão dos chineses. (LEITÃO, 2007).

Os padres da ordem religiosa prezavam a formação universitária como fundamental ao movimento cristão e consideravam que a ligação entre esses povos era importante à medida que a China seria a porta para entrarem no Oriente.

O Colégio de S. Antão, que funcionou até a expulsão dos jesuítas em 1759, teve um lugar de destaque na sociedade e na ciência, pois um de seus marcos principais foi o de ter ministrado as atividades da “Aula da Esfera”. Porém, estudar essa instituição não é realizar obra sobre história geral, nem estudar isoladamente as atividades científicas, como afirma o professor Henrique Leitão. (2007).

A Comissão Geral das Comemorações do V Centenário de S. Francisco Xavier, em Portugal, no prefácio do livro de Henrique Leitão, *A Ciência na “Aula da Esfera”*, no Colégio de Santo Antão (1590-1759), relata que entre os séculos XVI e XVIII, os cientistas da Companhia de Jesus (muito alunos do Colégio de S. Antão), matemáticos, astrônomos, geômetras, estabeleceram um vínculo fundamental entre Ocidente e Oriente e assumiram, dessa forma, cargos na hierarquia científica chinesa.

COLÉGIO DE SANTO ANTÃO: IMPLANTAÇÃO, POLÍTICA E DESENVOLVIMENTO

Principalmente pela “Aula da Esfera”, a ciência portuguesa ficou conhecida internacionalmente. O Colégio de Santo Antão, além de toda a sua influência, foi discutido de maneira regular e consistente. Tanto a instituição quanto a aula citada ficaram expressas na formação da sociedade lusitana.

Os mestres desse centro de ensino foram responsáveis pela formação de cosmógrafos-mor, engenheiros-mor, arquitetos, cartógrafos, cientistas e profissões consideradas muito importantes naquele século. Ou seja, sua importância é destacada com nítida influência social.

Leitão (2007) afirma que, ao investigar arquivos, há notícias de que desde no início do colégio tenham sido avaliadas e valorizadas aulas científicas e astronômicas naquela instituição lisboeta. No entanto, apenas em 1590 foi que o curso regular de matemática foi instaurado, perdurando até a expulsão dos padres. Por meio dos relatos expressos pelo autor, fica claro compreendermos que a prática dos jesuítas foi de qualidade e que sua importância é destacada na ciência portuguesa.

Estudar a prática dos padres no território luso não quer dizer que naquele local ela fosse superior, tampouco correspondente à que eles desenvolviam nos demais países europeus. Mas é inegável que, naquele reino, o Colégio de Santo Antão, por meio de suas aulas, tinha um diferencial.

Loyola, meses após a inauguração do colégio, escreveu a D. João III, elogiando e agradecendo o incentivo à expansão de sua companhia em território português. Ainda reforçava que se contentava muito em aumentar os rebanhos de almas para o Senhor Deus e que, onde houvesse disposição para atrair ensino educativo e bons costumes dos filhos e dos pais, que o fizessem; onde encontrassem boa disposição, poderiam abrir colégios a fim de semear as boas novas em território português. (RODRIGUES, 1931a).

Nesse mesmo ano chegou a Portugal o visitador Miguel de Torres que conferiu se o trabalho estava sendo realizado a contento. Este indicou que Inácio lhe cedesse da Itália pessoas que entendessem bem da gramática e fossem capazes de colaborar com as experiências já realizadas em outros colégios. O visitador, então, solicitava homens mais bem preparados para o ensino e ocupação de tais cargos. No entanto, segundo Rodrigues (1931a), não foi preciso o favor solicitado, pois não faltavam, nesse período, na província, mestres e muito menos reitores. Ainda assim, Inácio enviou Jerônimo de Nadal, que trazia técnicas desenvolvidas na Sicília e Roma.

Em 25 de janeiro de 1553, já haviam saído do Colégio de Coimbra Cipriano Soares e Manuel Álvares, ambos formados em leis de pedagogia e humanidades, que foram considerados beneméritos das letras. Os professores que passavam a integrar a instituição louvaram a ideia e os pressupostos da nova instituição de ensino público e a julgavam produtiva tanto para a juventude quanto para os cristãos de forma geral.

Já em Portugal, Nadal, o visitante comissário da província, e D. Pedro Mascarenhas⁶ debateram com os vereadores da Câmara objetivos do colégio e seu respectivo sistema de ensino; afirmaram que os métodos se constituiriam de três aulas de gramática, uma de humanidades e outra de retórica e que, também, se ensinasse lições de grego, de hebraico e de casos de consciência. Com a aprovação da Câmara,

⁶ D. Pedro Mascarenhas: foi um militar, diplomata e administrador colonial português, o 6º vice-rei da Índia portuguesa. Foi embaixador de Portugal na Santa Sé, onde desenvolveu esforços com o papa Paulo III para a vinda da Companhia de Jesus para as missões na Índia, a pedido do rei D. João III e de Diogo de Gouveia. A 15 de março de 1540, findou a sua missão, regressou a Portugal na companhia de Francisco Xavier. Em 1554 foi nomeado vice-rei da Índia portuguesa com sede em Goa, cargo que ocupou durante um ano até a sua morte em 1555.

o rei incumbiu Francisco Correia de providenciar tudo o que fosse necessário para a construção e efetivação do colégio.

Fixaram o dia dezoito de outubro desse ano de 1553 para a solenidade inaugural. Mas nos dias antecedentes era já enorme a concorrência de jovens que se matriculavam para o começo dos cursos; e a cidade receosa de que não houvesse lugar para os seus filhos, propôs aos mestres que aceitassem a obrigação de admitir aos estudos os moradores de Lisboa de preferência a quaisquer forasteiro. (RODRIGUES, 1931a, p. 296).

D. João III disponibilizou renda de suas fazendas e alguns membros da sociedade também se ofereceram para doar rendas perpétuas para os benefícios da Companhia. Com a caridade dos lisbonenses, aumentou e floresceu o Colégio de Santo Antão, não sendo de se estranhar que a instituição progredisse ainda mais. Com o passar dos meses, aumentava o número de alunos que desejavam sentar-se às cadeiras do centro de ensino. Por causa dos incentivos, o monarca autorizou e solicitou que se inaugurasse de forma solene o primeiro colégio de Lisboa.

[...] constituíam por agora o colégio não em edifício separado, mas na mesma casa de S. Antão. Além disso, não metiam mais que dois mestres de letras humanas, com a esperança de que, vendo a cidade naquele primeiro ensaio os proveitos de modo particular de instrução, se movessem pessoas abastadas a concorrer para que houvesse casa de mais vastidão e melhores acomodações para professores e estudantes (RODRIGUES, 1931a, p. 291).

Então, esse mosteiro de Santo Antão-o-Velho (entendemos que esse nome deu-se após o início da nova instituição) ficou conhecido como Coleginho. (ALMEIDA, 2003; LEITÃO, 2007).

Em fevereiro de 1553 o colégio foi inaugurado com um discurso em latim de padre Cipriano Soares sobre o estudo das três línguas, sendo que os estudantes deram mostras dos trabalhos que seriam desenvolvidos a partir de então, o que teria encantado ainda mais todos os presentes.

No dia seguinte iniciaram-se as lições e os alunos foram distribuídos em cinco classes. A primeira dizia respeito à retórica, língua grega e estudo dos autores latinos mais renomados e tinha como regente padre Cipriano Soares. As outras disciplinas foram divididas entre outros discípulos, como Manuel Álvares, Roque Sanz, António de Andrade e Francisco Varea. Padre Francisco Rodrigues era responsável pela lição de moral. O colégio já atingia um número de 450 alunos e tinha como reitor Inácio de Azevedo. (LEITÃO, 2007).

Os membros da Companhia escreviam ao padre Inácio, informando o quão grandiosa se tornava a extensão do colégio, tanto na dimensão como nas letras e virtude, e que em breve poderia ser necessária nova construção ou aumento do mesmo, pois não era possível realizar novas matrículas com tamanha lotação.

Em 1554 eram seis os professores de letras, além do professor de casos de consciência. Em 1555 aumentaram para sete as classes das humanidades, além de uma adicional da “ciência moral”, “[...] começou o P. Francisco Rodrigues a dar extraordinariamente prelecções de astronomia, explicando com grande satisfação de numerosos ouvintes a Esfera de João de Sacro Bosco”. (RODRIGUES, 1931a, p. 298).

Desde o início da implantação dessa obra eram socialmente destacados os resultados dados por aqueles mestres naquela casa de formação. Como principal incentivador das ações desenvolvidas encontrava-se o prefeito dos estudos, mestre principal daquele colégio, o padre Cipriano Soares.

No que dizia respeito às letras, era sabido em toda aquela parte que os alunos levavam vantagem em relação a outros de instituições distintas; pois se dizia que em dois ou três anos, nos moldes de Santo Antão, eles superariam todos os outros. Por vezes, os pais retiravam seus filhos dos estudos de Coimbra e os colocavam no colégio de Lisboa.

O que porém mais despertava as admirações dos cidadãos de Lisboa era a transformação rápida e profunda que se operava no porte e costumes dos estudantes. Já no ano escolar que sucedera ao da abertura do colégio, se celebrava a mudança daquela buliçosa juventude. Aparecia mais composta nas suas maneiras, mais bem morigerada e mais piedosa (RODRIGUES, 1931a, p. 300).

Inácio de Loyola mostrava contentamento pelo desenvolvimento das atividades. Por meio de cartas enviadas a Portugal, afirmava que os colégios com apoio real se expandiam em todo o território português. O Colégio de Santo Antão, dessa forma, tornou-se fundamental àqueles tempos, pois trouxe, à juventude, à sociedade portuguesa e, sobretudo, à Companhia de Jesus, bens e contribuições extraordinárias.

Os estudantes reproduziam na sociedade aquilo que lhes era apresentado nas disciplinas, ou seja, com ensinamentos científicos e inovadores, aqueles jovens passaram a atuar na sociedade, de forma correspondente. Leitão (2007, p. 30) relata que

Ministravam-se no Colégio sobretudo classes de latim e de estudo de autores latinos, de língua grega e de retórica, além de aulas de temas morais e religiosos. Também se começaram a ministrar a partir de 1555, aulas de esfera, isto é, de introdução à cosmografia e astronomia, pelo padre Francisco Rodrigues, aulas estas que de certa maneira viriam a ser o embrião da futura “Aula da Esfera”.

Mencionada a sua estrutura, ao contrário do Colégio de Jesus, em Coimbra, o de Santo Antão foi planejado desde o início para atender ao público que não pensava em seguir carreira eclesiástica. Um dos problemas encontrados pela Companhia foi a vontade de formação elitista por parte de alguns nobres. Francisco Correia, por exemplo, um vereador de Lisboa, solicitava que não se desse formação à camada mais pobre da sociedade, mas sim para indivíduos capazes de exercer cargos sociais e acres-

centar algo produtivo à sociedade; porém, os membros da ordem não concordaram com essa ideia pois

[...] preferiam abrir largamente as portas do seu colégio a todos, sem estabelecer diferenças de categoria social, e difundir todas as classes as luzes da instrução e as lições da educação cristã. Com esta amplidão de caridade abriram na entrada de fevereiro o colégio no antigo mosteiro de S. Antão, e escasseava o espaço para acolher tão grande multidão de alunos, que acorreram ao convite dos novos mestres. Era o reitor naquele princípio o P. Melchior Carneiro. (RODRIGUES, 1931a, p. 293).

Rodrigues (1931a) declara que o ensino se iniciou em duas classes, dirigidas por Cipriano Soares e Manuel Álvares. Mantinham 180 jovens, e no primeiro mês de julho o número de alunos atingiu 330; assim, começou a recusa de alunos, pois a procura era maior que as condições de aceitação.

O edifício, localizado numa encosta do castelo, não comportava a quantidade de estudantes que desejavam ali estudar, para tanto, foi necessário fazer outras casas próximas e distribuir os 450 estudantes em cinco classes, tendo um mestre para cada nível de ensino. Em 1554 eram já 600 alunos, entre os quais pelo menos 40 jovens eram da primeira nobreza do reino; instituíram-se seis classes de ensino. Em 1555, com sete classes, o colégio atingiu sua lotação, “[...] passava de 500 alunos no início do seu funcionamento; eram 1300 em 1575; 2000 em 1588 e em 1593; e 1800 em 1598”. (CARVALHO, 2001, p. 325).

Segundo Leirão (2007), cerca de um ano após inauguração o colégio já crescia de forma estrondosa. Em 1554, por exemplo, com 600 alunos, já atingia sua lotação, o que pedia para que se construísse novo edifício. Iniciaram-se as queixas sobre má localização, problema enfrentado pelos jesuítas, desde o início, enquanto o local ainda era casa. Solicitavam-se quaisquer que fossem as instalações que correspondessem à capacidade de receber 1.000 alunos, 2.000 ou quanto mais fosse possível.

A frequência dos alunos nos colégios da Companhia de Jesus era cada vez mais crescente. Com o Concílio de Trento e a vigilância sobre o ensino, tamanha procura chegou a preocupar os padres quanto a uma possível queda na qualidade do ensino, pois eles não sabiam o que fazer para melhorar a condição dessa oferta. Havia cartas de padres reclamando que não era possível ensinar, nem aprender, pois havia classes, como relatamos, com mais de 300 alunos, o que tornava muito difícil a aprendizagem. (MATOSO, 1997).

Os padres conseguiram demonstrar que aquele ensino beneficiava a cidade e a corte com a primeira mostra dos alunos do colégio à sociedade. Ficou confirmado o sucesso das escolas da Companhia de Jesus. O reino ficou impressionado com tamanho entusiasmo, segundo consta do livro de Rodrigues (1931a). Sendo assim, os padres propuseram, ao monarca, estabelecimentos definitivos de ensino. O protetor das boas letras, D. João III, não só permitiu como orientou que Lisboa continuasse sendo a eles receptiva.

O colégio de Santo Antão, enquanto escola pública, teve como sede o local no qual os jesuítas estrearam seu papel em Portugal, estes foram tão felizes enquanto mestres e hábeis educadores que, segundo Rodrigues (1917, p. 398)⁷,

[...] os estudantes com tanto garbo e taes mostras de aproveitamento, que faziam admiração às personagens doutissimas, que assistiam, e alvoroçavam a cidade com a fama, que se espalhava. Banhavam-se de alegria os lisboenses com os progressos de seus filhos. Mas a mudança dos costumes acompanhava a melhoria nas letras.

Os alunos progrediam na fé, na virtude e nas letras. Rodrigues (1917) afirma que tinham fama em todo o território luso tanto os alunos quanto aqueles professores que os instruíam, que anunciavam à população que ensinavam por meio do Colégio de S. Antão a todo aquele que quisesse escutar. O sucesso não foi apenas com aquela instituição, mas seis meses depois tal glória foi dividida, também, com o Colégio do Espírito Santo, em Évora.

Muitos outros colégios, instituições e seminários foram pensados para que a ordem exercesse a conversão e a instrução daquela gente. Em 1565, pensou-se na ilha de S. Tomé. A intenção do cardeal D. Henrique era aumentar, ainda mais, o campo de atuação da companhia. Em 1564, o geral, Diogo Laines, não rejeitou a implantação de novos seminários, mas afirmou ao cardeal que, caso ocorresse, não faltasse gente habilitada para reger tamanha obra.

Em 1565, a Congregação Geral⁸ da Companhia de Jesus, em Roma, resolveu que era possível a implantação de tais seminários, mas que fossem conjugados aos colégios, para que os professores das instituições fossem os mesmos dos seminários e que deixassem a administração livre para a Companhia.

Com esse mesmo pensamento, de investimento e implantação do ensino público, por parte da Coroa, nas instituições jesuíticas, foi oficializada a intenção de uma nova construção para a realização das aulas do Santo Antão. E, para dar continuidade à história e consolidação desse centro de ensino em território luso, realizamos, a seguir, o esforço de contextualizar sua nova construção.

COLÉGIO DE SANTO ANTÃO-O-NOVO

O aumento do número de alunos no Colégio de S. Antão resultou na necessidade de sua mudança de local. Foi determinado, portanto, que se construísse outro

⁷ A alegria, o reconhecimento, a piedade dos lisboetas para com a atividade educacional da Companhia de Jesus é uma interpretação de Rodrigues, a partir da leitura dele das cartas e documentos do século XVI. Possivelmente, havia vozes discordantes entre a população de Lisboa, mas o fato é que as atividades educativas da ordem religiosa aumentaram, sempre, em Portugal.

⁸ A Congregação Geral é uma assembleia representativa da Companhia de Jesus em que se discute e se definem temas previamente agendados. Como exemplo da importância de tal instituto para os jesuítas, é nela que se define o próximo Superior Geral.

prédio, pois o primeiro não fora planejado para uma instituição de ensino, mas para um seminário. Como vimos discutindo neste artigo, ao abrir escolas públicas em Lisboa, muitos religiosos moravam no mosteiro de Santo Antão, que consistia num edifício pequeno, com dimensões estruturais acanhadas.

Ao fundar tal colégio, o número de estudantes foi muito grande e, pelos moradores que também se instalavam ali (padres, estudantes e colaboradores), suas acomodações ficavam a cada dia mais estreitas. O sítio, localizado na encosta do castelo real, era desigual, possuía muitos problemas no terreno e, para aplainá-lo, teriam que realizar imensas despesas também para desapropriar os que ali eram circunvizinhos. Segundo os cálculos dos administradores do colégio, a compra de terrenos ali perto teria valor muito mais baixo.

Em 1557, após quatro anos de funcionamento, D. Catarina e o infante D. Henrique já tinham propostas para auxiliar os padres nessa questão, tirando-os das más acomodações. Pensavam em edificar um colégio perto de S. Roque. Porém, as despesas eram muito grandes, e o dono dos terrenos não se disponibilizou a abrir mão deles.

Com a renúncia do cardeal infante à mitra de Évora em 1564, D. Fernando de Vasconcelos assumiu o controle de tal igreja e novamente voltou o debate de uma nova construção para que continuasse o funcionamento daquele ensino, no caso do colégio de S. Antão.

Já existia o esboço de uma planta e a intenção de construção de um seminário anexo à instituição. Em 1569, sem esperança alguma de tal edificação, os padres cogitaram a hipótese de construção paralela ao edifício de uma igreja, ainda que fosse em declive. Manuel Godinho escreveu a Francisco de Borja, relatando a situação e intenção dos padres e solicitou que ele, em nome da Ordem, comprasse com rendas da ordem um local para a construção.

Enquanto esperavam manifestações para um novo edifício, os jesuítas elevaram o ensino pré-universitário para um número nunca visto anteriormente, com importância significativa. No ano de 1573 foi que os inicianos realmente conseguiram avanços que apoiaram novas instalações. O cardeal D. Henrique assumiu a figura de fundador do Colégio de S. Antão e assegurou uma renda da parte do rei, D. Sebastião, seu sobrinho, mas o fez com algumas condições:

[...] o contrato de fundação que então se redigiu contém a primeira notícia directamente relacionada com a “Aula da Esfera”, que surge como uma condição imposta pelo “fundador”, cardeal D. Henrique: “que se acrescentassen las classes de latim que fuessen necessarias, que serian hasta una o dos, y que se leyesse una leccion de mathematica, y un curso de artes de três em três anos”. (LEITÃO, 2007, p. 32).

Aceitas as condições de D. Henrique para que se fossem implementadas lições de matemática, iniciou-se a procura de um terreno. Descobriu-se um lugar, sítio de

São Lázaro, um pouco abaixo do sítio de Santa Ana para a construção do novo edifício. Em 9 de Maio de 1574, padre Jorge Serrão escreveu ao geral da Companhia, informando os motivos das mudanças e, com a autorização de Roma, discutiram-se as plantas e a implantação do novo colégio.

É possível afirmar que a “Aula da Esfera”, que marcou o novo centro de ensino, nasceu de uma exigência por parte de D. Henrique para que fosse colocado em funcionamento o colégio no novo local. Segundo Leitão (2007, p.33), não é difícil inferir as razões por que foi realizado esse pedido por meio da Coroa:

Em Coimbra, na Universidade, o ensino de matemática estava num estado lastimoso. Com a jubilação de Pedro Nunes, em 1564, as aulas de matemática foram sucessivamente entregues a figuras menores e pouco a pouco caíram em total desleixo. Mestres incompetentes, alunos desinteressados e uma administração universitária pouco preocupada com a situação conjugaram-se para agravar o estado do ensino da matemática e das disciplinas científicas, em Coimbra.

Existia já, em Lisboa, desde meados do século XVI, a “Aula do Cosmógrafo-Mor”, que eram lições dadas na casa do cosmógrafo⁹ sobre náutica e cosmografia.

Os monarcas acompanhavam de perto o sucesso desse colégio. No entanto, mesmo com esse pedido, demorou um pouco para se concretizar a construção da nova instituição.

No decorrer do ano de 1574, o provincial José Serrão reuniu-se com os demais padres da província e tomaram por resolução a escolha do lugar para a edificação do colégio. O cardeal aprovou-a e cedeu às despesas 3.000 cruzados para que a obra fosse executada no campo de Santa Ana; o local parecia ser limpo, sem muitas montanhas e com espaços livres e largos, além de ter bela vista para o mar.

O então rei, D. Sebastião, em 29 de outubro de 1576, autorizou que cedessem muros, torres e chãos para auxílio daquela construção e, ainda, solicitou ao presidente da Câmara, vereadores e procuradores de Lisboa que o autorizassem, argumentando que

[...] a cidade e povo dela recebe dos Padres do Colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus assim no ensino e criação dos moços, como nas outras coisas espirituais, em que continuamente se ocupam, e tendo também consideração ao aumento e nobreza que a cidade recebe da mudança que se ora faz do dito colégio para os chãos que estão abaixo do mosteiro de Santa Ana [...] (*apud* RODRIGUES, 1931b, p. 168).

Assim, o rei reforçou que se desse aos padres tudo aquilo que fosse necessário, principalmente o que eles próprios indicassem, para que pudessem realizar tal construção.

⁹ Cosmógrafo era o responsável por uma parte da astronomia que dedicava seus estudos à descrição do universo.

Com a compra do terreno, os padres levantaram a suspeita de que aquele espaço não seria suficiente para a obra e construção da instituição. E algumas reclamações, lamentações e oposições começaram a se mover ainda que tanto D. Sebastião quanto D. Henrique fossem a favor da edificação do Centro de Ensino. Segundo Rodrigues (1931b, p. 169), “Muitos levam a mal que se largasse aos religiosos tão considerável extensão do monte, e não faltaram outros que se opunham totalmente à construção do colégio”.

Povos, clérigos e até mesmo freiras franciscanas sentiram-se prejudicados com tal doação, pois a obra tirava um largo pedaço de terra do campo de Santa Ana. Muitas pessoas uniram-se e foram até a D. Henrique reclamar seus direitos: “Passaram até alguns à demência de defender que não eram necessários tantos estudos em Portugal”. (RODRIGUES, 1931b, p. 170).

Padre Amador Rebêlo e Cristóvão de Gouveia, alternadamente reitores do colégio em 1579, escreveram para Roma, declarando que El-rei apaziguara situação e abrandara tal agravante e, nesse mesmo ano, ele iniciou a construção do edifício.

Mesmo após esses conflitos, o presidente da Câmara, D. Pedro de Almeida, entregou pessoalmente aos religiosos o campo a ser construído; assim, os jesuítas puderam cercar o local e rodeá-lo de muro, cultivando, até mesmo, uma horta fresca.

Alguns empecilhos atrasaram a obra, ainda mais que o arquiteto da Coroa, Baltasar Álvares, a pedido do rei, elaborou um projeto que os jesuítas não aceitaram, pois eles julgaram ser muito sofisticado e pensavam em algo muito mais simples. No entanto, pelo número de candidatas a ocupar vagas, era necessário que se tomasse uma decisão e que esta fosse urgente.

A grande concorrência de alunos tornou sensível a estreiteza da casa; e como o local era apertado não havia possibilidade de a alargar. Tratou-se por tal motivo de escolher sítio acomodado para novo edifício, que comportasse doze classes de latim, um curso de artes, uma lição de casos e outra de matemática. No sítio que depois se chamou de Santana deu a câmara aos padres da Companhia, em 1578, por ordem de El-Rei D. Sebastião, um pedaço de terra, que veio a servir de cerca; e junto a ele se compraram algumas casas. A 11 de maio de 1579 se lançou a primeira pedra, e em 8 de novembro de 1593 se passaram os jesuítas ao novo colégio, que, para se distinguir do primeiro, se chamou de Santo Antão-o-Novo. (ALMEIDA, 2003, p. 397).

No dia 11 de maio de 1579, como vimos na informação de Almeida, foi lançada a primeira pedra daquela obra que inovaria a instituição. Com o incentivo de D. Henrique, as novas instalações avançaram e foram tomando a proporção que teria, mais tarde, o colégio de Santo Antão-o-Novo.

Morto D. Henrique apresentaram os adversários suas queixas a Filipe II, e pediram-lhe que mandasse parar a obra. O rei prudente respondeu-lhes que fosse ela por diante; porque não havia ele de pagar o dinheiro que os Padres despendiam. (RODRIGUES, 1931b, p. 171).

O citado rei era Felipe II da Espanha, que passou a usar o nome de Felipe I de Portugal. Ainda que com um novo monarca o colégio tivesse se mantido em construção, isso diretamente beneficiava os jesuítas. Mais tarde, a mando do visitador¹⁰, Miguel de Torres, foi solicitado que se iniciasse a construção e se executasse a “traça” (o traçado) do rei. Dessa forma deu-se o princípio da construção e edificação do colégio.

Quanto ao perfil da construção, o padre Silvestre Jorge, em 1581, tentou adaptar a planta a um estilo jesuítico, mais simples e contido. Tudo o que era feito em Portugal era passado para Roma, e foi solicitado parecer de tudo o que julgavam necessário. Com o pedido de Silvestre Jorge não atendido, apenas uma década depois foi que Valeriano conseguiu resultados de um novo desenho.

Em 1591 o irmão José Valeriano, famoso arquitecto italiano que já estivera em Portugal para acompanhar a edificação do Colégio, mas se retirara, por motivos de saúde, sem nada fazer, apresentou um novo traçado para o Colégio que foi enviado para Portugal. Esta nova traça, de inspiração romana gerou grande polémica entre os portugueses. O Pe. Silvestre Jorge que, em Lisboa, se ocupara da edificação do Colégio criticou-a, mas João Delgado, um jesuíta que estudara em Roma [...] defendeu-a (LEITÃO, 2007, p. 34).

A obra aconteceu vagarosamente e, após ameaças do padre geral, nos fins de 1591 foi que a organização passou a acelerá-la. Ao passar de um ano, começou-se a cuidar das mudanças para o colégio novo.

Por fim, foram os planos de Valeriano que sobressaíram e realizaram-se naquela obra. A transferência passou a acontecer em novembro de 1593 e, ainda que a edificação não estivesse pronta, iniciaram-se as aulas. O colégio, com grandes dificuldades, sempre estava em manutenção: “O refeitório, por exemplo, só foi construído em 1599”. (LEITÃO, 2007, p. 37).

No século XVII, a média do centro de ensino pré-universitário era sempre de 2.000 alunos. O rei sempre intercedia pelos jesuítas, que foram por muitas vezes perseguidos por políticos e alguns membros da sociedade pelos grandes gastos que suas instituições davam à administração do reino.

Em 1593, então, estava de pé a terceira parte do edifício. Há relatos de que as primeiras partes eram tão magníficas que poderiam acolher todo o colégio já naquela realização. Para tanto, nesse mesmo ano foi planejada e realizada a mudança para o colégio de Santo Antão-o-Novo.

Aconteceu, na nova igreja, a primeira missa com todos os rituais pontificais. Foi indicado a pregar o orador, padre João de Lucena. Já acomodados no estabelecimento, os padres não se preocuparam em terminar a construção e finalizar o colégio,

¹⁰ Visitador era uma pessoa enviada pelo Superior Geral da Companhia de Jesus para, normalmente, resolver alguma questão pendente em alguma provincial. No caso em questão, Miguel de Torres foi enviado para resolver a questão da demora na construção do novo colégio.

retomando a obra apenas em 1601. Porém, ainda no século XVIII, notavam-se partes inacabadas e sem conclusão.

Com os edifícios colegiais levantaram-se também na segunda metade do século XVI e primeiros quartéis do século XVII, encostadas às casas e colégios, igrejas de apreciável arquitectura, bem adaptadas não só para o continuado exercício dos ministérios sacerdotais, como tem por costume exercitá-los a Companhia de Jesus. No estilo dessas obras arquitectónicas em Portugal seguiu-se geralmente o que prevalecia naquela época de renascimento. (RODRIGUES, 1931b, p. 180).

No que dizia respeito a essas construções de igrejas, elas revelavam riqueza e demonstravam opulência artística, principalmente na igreja do colégio. Uma fidalga, condessa de Linhares, foi quem, espontaneamente, fundou e enriqueceu aquela casa de oração. Mas, com tantas exigências, a igreja só ficou pronta em meados do século XVII. Os padres, desde 1593, esperavam por uma igreja proporcional ao tamanho daquele colégio.

O número de classes aumentou rapidamente de sete para oito e, posteriormente, foi fixado em nove, sendo elas: cinco de gramática, duas de humanidades e duas de retórica, considerando que nas últimas se deu também o grego, durante todo o século XVI; a teologia moral teve como seu primeiro lente Francisco Rodrigues, que foi para a Índia em 1556; a filosofia iniciou apenas em 1590 com Valentim de Carvalho, que deu um curso de quatro anos e, depois, embarcou para o Oriente. (LEITÃO; FRANCO, 2012).

Os principais reitores que dirigiram, nos seus primeiros anos, tamanho sucesso do Colégio de Santo Antão foram: P. Melchior Carneiro (fevereiro de 1553 a junho 1553); P. Inácio de Azevedo (1553 - 1555); P. Manuel Godinho (princípio 1556 – outubro 1556); P. Afonso Barreto (outubro 1556 – fevereiro 1557); P. Francisco Henriques (1557 - 1558); P. Gaspar Álvares (1559 - 1560), (RODRIGUES, 1931a).

Como sempre podemos notar no decorrer de toda a história da Companhia, o maior princípio dela era que a mesma se mantivesse fervorosa e de acordo com todos os princípios estabelecidos pelo fundador. Os jesuítas realizavam a renovação constante dos votos santos e procuravam sempre conservar a ordem da melhor forma, sem cair nos pecados e nem perder de vista os princípios estabelecidos pelo superior Loyola. Em nenhuma das fases da vida, um padre poderia esquecer ou manter-se longe dos ideais religiosos estabelecidos por sua ordem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja necessário reconhecermos os limites da instituição pré-universitária de Santo Antão, ela foi, sem dúvida, uma das mais importantes de Portugal nos séculos XVI e, especialmente, nos séculos XVII e XVIII. Como justificativa para tal afirmação, é possível analisarmos alguns fatos importantes, dentre eles, ter sido o

único centro de ensino que assegurou continuamente, por 170 anos (do final do século XVI a meados do XVIII) as aulas de ciências naturais e matemáticas.

O colégio jesuítico de Lisboa foi o responsável pela formação dos principais técnicos e especialistas a serviço daquela Coroa e, além disso, preparava intelectualmente alguns dos melhores padres missionários para o Padroado na China. Em suma, Santo Antão e Santo Antão-o-Novo foram a porta principal para a entrada da ciência moderna em Portugal. Lisboa encontrava-se num dos centros de comunicação entre o Ocidente e o Oriente e no colégio eram realizadas aulas que auxiliavam no aprofundamento da cosmologia, por exemplo.

Em resposta à solicitação do reino português em estabelecer um curso matemático de qualidade, os padres da Companhia prepararam-se para um ensino com condições de responder às necessidades, principalmente, da expansão ultramarina. Essas aulas preparadas pelos padres passavam a ser dedicadas à formação de cartógrafos, engenheiros, aspirantes à carreira militar e cosmógrafos, além de outras profissões. Ainda que com a inexistência de mestres apenas portugueses, o colégio ocupou padres estrangeiros que, como mostramos no decorrer do texto, estavam em trajeto para o Oriente.

De todas as coisas que podemos afirmar, o mais preciso é que a “Aula da Esfera” foi a mais importante dos currículos da instituição de Santo Antão de Lisboa. Esse centro de ensino demonstrou ser a única instituição que ininterruptamente ofereceu aulas de matemática, ciências, astronomia, do século XVI ao XVIII. A “Aula da Esfera” exigia professores competentes e qualificados que, também, por seu contato com aqueles que por ali passavam, exerciam um trabalho importante e eficiente.

Entre meados dos séculos XVI a XVII foi essa instituição a responsável por toda a formação de técnicos em ciência no reino lusitano. Embora com a grande perda pela queima dos documentos do colégio, com a expulsão da Companhia de Jesus por Pombal, em 1759, foram deixados documentos que comprovam tal afirmação como notas de aulas, manuscritos, textos impressos, teses, entre outros, que auxiliam muito no desenvolvimento de pesquisas para se compreender essa questão.

Embora não haja listas precisas sobre quais e quantos alunos passaram por aqueles estudos, o que mais se encontra são anotações dos estudantes que mais se destacaram e beneficiaram a ciência, mais tarde, por meio de algum avanço. Ainda que com tantas evoluções, a Companhia de Jesus foi considerada muito exigente com a qualidade de ensino a ser ofertado. Há relatórios, em Roma, de críticas realizadas, pelos próprios padres, questionando a deficiência do ensino. Os jesuítas do colégio de Santo Antão não faziam manutenção apenas da curiosidade sobre os assuntos matemáticos e astronômicos. Os padres eram envolvidos numa missão de natureza apostólica. Portanto, o século XVI foi marcado pelos padres que, com o objetivo de seguir no Padroado ao Oriente, especificamente na China, envolviam-se tanto em

discussões pertinentes à astronomia como em estudos de calendários e técnicas científicas para impressionar aquela população e seus intelectuais.

OLIVEIRA, Natália Cristina; COSTA, Célio Juvenal; MENEZES, Sezinando Luiz. Colégio de Santo Antão in Portugal, XVI Century: a Study of Jesuit Education and Public Education. *Educação em Revista*, Marília, v. 17, n.1, p. 55-72, Jan.-Jun. 2016.

ABSTRACT: In this article, we have the goal to deal with, specifically, about the College of Santo Antão, Lisboa. Present your deployment, political aspects and its development in the Portuguese territory in the sixteenth century and the first half of the following. Although the period studied do not take in the whole development of this educational institution, made the discussion until the beginning of its reconstruction, when it was called the College of Santo Antão-the-New, from 1593. This educational institution was the main centre for science education in Portugal, considered an institution of excellence. With all the advances of Europe, Portugal could have stayed behind to other territories; However, with the Jesuit education and its colleges, in particular that of Santo Antão, the Lusitanian Kingdom was relatively equated to European advances, being compared to famous international centers of teaching and forming students in general and not only those who wished to follow ecclesiastical career.

KEYWORDS: Colégio de Santo Antão. Society of Jesus. The 16th Century.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fortunato de. *História de Portugal*: volume I. Lisboa: Bertrand Editora, 2003.
- CARVALHO, Romulo de. *História do Ensino em Portugal*: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano. 3ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa. 2001.
- LEITÃO, Henrique; FRANCO, José Eduardo. *Jesuítas, Ciência e Cultura no Portugal Moderno*: Obra Selecta de Pe. João Pereira Gomes, SJ. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012.
- LEITÃO, Henrique. *A Ciência na “Aula da Esfera” no Colégio de Santo Antão: 1590-1759*. Lisboa: Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário de S. Francisco Xavier, 2007.
- MATTOSO, José. *História de Portugal*. Terceiro Volume. No alvorecer da Modernidade (1480 - 1620). Coimbra: Editorial Estampa, 1997.
- MILLER, René Fülöp. *Os Santos que abalaram o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1956.
- RODRIGUES, Francisco. *A formação intelectual do jesuíta – leis e factos*. Porto: Magalhães & Moniz, 1917.
- RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo I – Volume I. Pôrto: Apostolado da Imprensa, 1931a.
- RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tòmo II – Volume I. Pôrto: Apostolado da Imprensa, 1931b.

Enviado em: 04/08/2015.

Aprovado em: 12/11/2015.

